

paper

#6 ANO II



Um ano se passou desde o lançamento do primeiro número da **babEL Magazine Búzios**. E essa edição comemorativa reafirma o interesse em ampliar as ações da bab (Bienal Anual de Búzios), divulgando a produção de arte contemporânea através de seu Programa de Residência Artística, mesclando a atualidade cultural à memória de Búzios e seus personagens.

Inspirados pela dinâmica do projeto da **bab Bienal**, que vem se moldando ao longo dos últimos oito anos contemplamos agora a pesquisa do artista carioca Marcio Arqueiro, que chega às páginas de **babEL** acompanhado de um texto inédito de Ernesto Neto.

A fauna de seres brilhantes e as urdiduras poéticas de Arqueiro invadem a Armação e pautam a discussão dessa edição: qual a relação entre arte e artesanato?

Os professores e autores Ronaldo Rosas Reis, Máslova Valença e Alexandra Aguirre tratam do assunto através da moda, das artes visuais e do design, conectando o mundial ao regional. De

Tatlin a Cildo Meireles, do Coletivo Favela Hype a Arqueiro, Iara Rosa e Dido, percebemos que existe um diálogo criativo entre arte e artesanato.

Nossa correspondente em Paris, Rebecca Lockwood, fortalece essa ponte entre artesanato e arte. Com ilustrações do artista Roberto Cabot, a matéria da *chef* discute a relação entre o paladar canibal e o vegano.

A poetisa e 'buzionauta' Iara Rosas, nossa homenageada dessa edição, nos brinda com duas crônicas e um conto inéditos inspirados na atualidade e nas histórias que nos remetem à antiga Búzios.



Armando Mattos, artista/editor

NESSA EDIÇÃO

Rebecca Lockwood

Alexandra Aguirre

Marcio Arqueiro

Iara Rosa

Dido

Roberto Cabot

Ernesto Neto

Máslova Valença

Ronaldo Rosas Reis

lobos

RESIDÊNCIA ARTÍSTICA

búzios 2017

ARQUEIRO

*Uma conta uma linha,
outra conta,
Conta cada conta
Conta conta
Cada conta*

Um jacaré que se aconchega, se molda, no ombro, na perna, no corpo, em todo lugar, sai da bolsa e se espalha, entre móveis, cadeiras, camas, jardim... Subindo janelas, entrando em frestas, na casa das pessoas, por toda a cidade, navega pelo mundo em suas várias variantes, tamanhos e cores, pequeno, mini, médio, grande, gigante, um dia na praia apareceu um flutuante absorvendo cada onda, cada marola do mar, carregando gente. Estes jacarés têm esta característica maravilhosa, eles se amoldam ao relevo, seja do nosso corpo ou do ambiente, assim quando as marolas passavam, seu corpo também incorporava a onda de alguma forma hipnotizando o nosso olhar, mimetizando-se no mar, assim deste seu jeito sonso, sereno e sedutor, eles brincam, com a mão, com o corpo, com os olhos, trazem alegria por onde passam. Com o tempo o jacaré, na sua inteligência estrutural, foi se transformando, virou peixe, bola, lâmpada, beija-flor, cobra, na sofisticada matemática das contas, do contador arqueiro, mestre da arte de fiar contas, ele fia pele, fia corpo, fia brincadeira, cores, pedras, sonhos, fantasia, para saborearmos com os olhos e com os dedos a graça dos jacarés.

jacaré, jacaré, jacaré

Ernesto Neto



Arqueiro, "Cobra pele", residência artística bab bienal 2017

Arte, reviravoltas, hibridismo, por Alexandra Aguirre

As narrativas da arte guardam pontos com reviravoltas que têm o caráter trágico da queda do herói. Um deles situa-se no questionamento da unicidade e da aura da obra, fruto da reprodução mecânica que extingue o original, a distância e a presença necessários ao sagrado. A obra, heroica, volta-se para sua condição de coisa apropriada – mesmo que apenas de sua imagem – e reproduzível. E, enfim, cai em sua mundanidade.

A peripécia do texto de Walter Benjamin é destacar o uso massivo da reprodução mecânica e apontar para a questão da originalidade que consideramos que emerge do fundo anônimo, repetitivo e coletivo do fazer artesão. O projeto como abstração, a autonomia frente à concepção religiosa de mundo, a imitação do ponto de vista humano participam deste percurso de emergência das condições do fazer artístico em direção à sacralização e à distância do mundo da vida.

Quando Walter Benjamin narra a “reprodutibilidade técnica”, esta, um pouco como um *deus ex machina*, passa a ser o princípio exterior que organiza a arte a partir de caracteres descartados das condições de produção: a repetição, a apropriação, o anonimato, o coletivo (massivo?). Se o artesanato é o pano de fundo contra o qual a arte emerge, os princípios acima retornam na reprodução mecânica fundindo-a novamente no fundo da produção cotidiana, porém, desta vez, de ordem massiva. A queda trágica não passa pelo trabalho manual, mas pela percepção moderna de que o que se aprecia é aquilo de que se pode apropriar. Para além da reprodutibilidade técnica, a reprodução eletroeletrônica se estende de tal modo que atinge todos os setores da vida, posteriormente incorporados pela Pop Art.

O caminho aberto por Benjamin permite o desdobramento em outra narrativa, se quisermos, a de como este popular (de onde a arte descola) está no interior da cultura de massa. Arthur Danto investiga Andy Warhol e a Pop Art e identifica na produção de massa a presença de um popular, porém urbano (norte-americano). Não é apenas produção de cultura de massa, mas é a apropriação da cultura popular pela indústria e o popular se elevando a uma escala planetária – uma conta metafísica cujo resultado é 1/4 de hora para cada famoso se sua quantidade corresponder mesmo a esta escala.

Pela América Latina nos aproximamos das nossas formas impuras – a industrialização sem escala e o urbano mestiçado com o rural – que frequentemente associamos ao anacrônico. Quando Benjamin narra a reprodução técnica, o fazer repetitivo, a apropriação, o anonimato e o coletivo não podem ser associados com um popular urbano, pois estes princípios sempre estiveram presentes, de modo vivo e contundente, sob a forma do fazer artesão. Para o espanhol Jesús Martín-Barbero, as desigualdades econômicas produzidas não são as únicas fontes da singularidade latino-americana: há o que é próprio do hibridismo cultural que não responde à ordem dos centros: fala-se de outro lugar, da mestiçagem, de ancestralidades, da ruralidade, da desordem dos centros urbanos e da arte diante da impossibilidade de pureza.

Ainda não passado um século do texto de Walter Benjamin, o hibridismo de que fala Martín-Barbero parece apontar para nova queda trágica. Novamente, com relação aos centros, mas desta vez a partir das redes informáticas e migrações populacionais que os tornam mestiços – atributo, até então, exclusivo das periferias.



Arqueiro, residência artística bab bienal 2017

Tessitura onírica de mundo

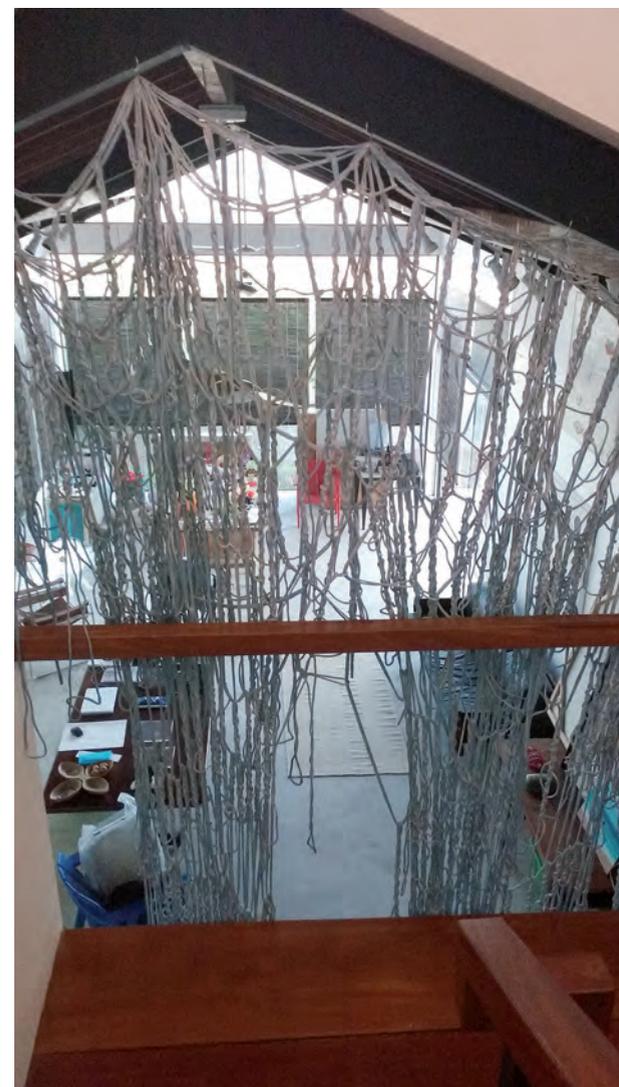
O crochê, a rede e a tessitura de contas são trabalhos que remetem a um fazer ancestral – o do tempo das mãos e o da habilidade manual. São técnicas diferentes que partem do princípio *bricoleur* de criar a partir de tramas e peças diversas, como as palhas, linhas, cordas, sementes e pedras de diversas texturas e cores. No cenário das cidades, a *bricolage* das tessituras foi incorporada pela indústria sob a forma de contas, miçangas, fios de nylon e arames; e servem principalmente à economia doméstica de produção de bijuterias e ao imaginário infantil das contas de todas as cores, tamanhos e transparências. São técnicas populares que foram bem-sucedidas ao serem incorporadas pela cidade.

Arqueiro explode o uso destas técnicas na criação de um mundo onírico de formas, volumes, teias e deixa emergir pelas tramas tanto o popular e urbano da matéria-prima produzida pela indústria, quanto a ancestralidade da tessitura minuciosa e matemática do crochê. São animais que povoam o imaginário de uma natureza livre, reluzente e grandiosa, e organismos “pluricelulares” que podem assumir, ou não, uma forma reconhecível; já que é parte deste fazer o desmonte de peças e o encaixe entre elas. Nunca se sabe como o organismo irá se portar – quantas contas, cores e forma ele portará –, pois se o processo é qualitativo, é também quantitativo.

O processo de concepção reveza entre o fazer mecânico e distraído das mãos que sabem e a contagem atenta das contas necessárias para a ordem plana passar à tridimensionalidade. Neste saber matemático, a geometria realiza



Arqueiro, residência artística bab bienal 2017



Arqueiro, residência artística bab bienal 2017

objetos que são apenas volumes (área x altura), pois podemos considerar arestas de fio nylon e contas massa de peso desprezível. Enquanto outras ganham corpo, pela quantidade de contas que acumulam: na casa do milho – “Jacaré”, “Cobra”, “Polvo” –, ganham peso e dimensão impensável. Um “Jacaré”, por exemplo, que chega a 10 metros de extensão, com contas de bolas de isopor, pode nos fazer lembrar de Alice e como seria encolher diante do brinquedo.

A construção deste mundo onírico é o escape para um imaginário que reúne diferentes tempos, formas e figuras nos centros urbanos e com o qual convivemos coletivamente, mas do qual sabemos muito pouco. E dos quais animais e organismos reluzentes e translúcidos como estes podem ser pistas e indícios...



Mar e alma

O mar é a matéria-prima do trabalho de Dido – sob a forma da madeira das canoas; dos metais enferrujados de âncoras e correntes; das histórias (“Já pensou quantos peixes esta rede pegou? Quantas pessoas a fome matou?”); diariamente quando surfa.

Apropriação literal, o trabalho ocorre sobre a matéria usada pelo mar, pelo tempo e pelas mãos de outros homens. Não há imaculado: a beleza vem do uso e de sua transformação. Da função laboral inicial e da sobrevivência da pesca, passa-se à apropriação do *design* e à cidade. Porém, entre estes dois momentos há a mediação que o imaginário da cidade litorânea faz entre o presente e o passado dos pescadores e barqueiros: o das vivências imaginadas. São elas que

parecem orientar os processos de produção. “São canoas que têm uma energia muito grande, já pescaram muito peixe, já navegaram muito, já mataram a fome de muita gente. Quando eu vou a São Pedro, por exemplo, procurar canoa, eu acho a canoa, encontro o próprio dono e depois sento para tentar convencer ele a vender.” “E eles vendem?” “É muito difícil, a maioria nem usa mais, mas está há tanto tempo com eles...”

É este imaginário que busca pelas histórias (“Tem uns que dizem ‘ah, eu vendo’, acabo comprando e converso para saber um pouco da história da canoa”) que dá às matérias vida própria. A madeira, ganchos e âncoras ganham um percurso imaginário próprio dos que têm alma. Ao indagar pela história deles, eles passam à protagonista da obra que expressam.



Imagens azuis

Da imagem para o texto e vice-versa, o universo de Iara Rosa é povoado por personagens e histórias que pertencem ao terreno da memória e da imaginação e que ultrapassam a sua história – são mulheres que esperam o amor na janela, outras que amam seus namorados na praia, Yemanjá e o violinista, homens que contemplan o horizonte sob a lua. São figuras míticas de vilas e lendas que tomam corpo numa conhecida ao acaso, nas vizinhas da rua, no marido, no irmão. Sua incorporação nas histórias está presente no texto. Este se constrói a partir de um recorte, da abstração das figuras lendárias em nomes e indicações precisas, quando ocorreram e quais circunstâncias – “Aquelas duas mulheres...”, “Felipe estava morrendo...”.



“Dançarinos no céu”, 2012 (Coleção Michèle Lippens)



"Duas mulheres", 2000 (Coleção Michèle Lippens)

No entanto, toda imagem (qualquer uma), mesmo a mais abstrata, opera por meio de uma continuidade com o mundo, com o corpo, com as mãos, através da cor, do traço, da forma. As pinturas revelam como estas figuras extrapolam os recortes dos acontecimentos, vinculando a biografia ao mito. O violinista tem apenas uma perna, pois é a posição frontal de quem o vê quando se toca o instrumento e, ao mesmo tempo, figura o homem gentil que se equilibra por sobre a sensibilidade da música; o homem contempla o ho-

rizonte, pois é azul como a resposta da mulher que o ama quando lhe perguntaram a cor; as grávidas lembram que os partos presenciados ou vividos são inesquecíveis.

Embora os personagens tenham nascido das histórias de Lara – como em seus contos e conversando com ela –, as formas e cores têm a atemporalidade das histórias imemoriais sem autores, que circulam por lugares, contadas sob a lua, em volta da fogueira, ao pé da soleira, de boca em boca, até cansarem e descansarem nas telas, portas, janelas e contos de Lara Rosa.

COSTUREIRO, ESTILISTA OU DESIGNER DE MODA?

Máslova Valença

Professora e editora do blog Leia Moda e Beleza

No Brasil, o criador de moda sempre foi visto como um gênio, dono de uma sensibilidade artística e de um domínio técnico acima da média e, por isso, capaz de conceber as mais belas peças do vestuário. Em geral, ele aprendia seu ofício no dia a dia da vida familiar ou profissional. Uma formação técnica mais ou menos sistematizada passou a acontecer a partir dos anos 1970. Já os cursos de estilismo de nível superior surgiram somente nos anos 1990. Hoje, os profissionais de criação de moda, por determinação do Ministério da Educação, são formados em uma das habilitações do curso de graduação em design. Apesar dos traços comuns entre a atividade dos estilistas e a dos demais designers, a incorporação formal dos profissionais da moda ao campo do design não é tão simples quanto parece.

Quais os impactos da nova configuração dos cursos de design para os profissionais envolvidos? Que especificidades cada uma das áreas envolvidas apresenta? Em que condições sociais tais mudanças foram propostas e implementadas? Essas foram algumas das perguntas que levaram Deborah Chagas Christo à pesquisa que resultou no livro *Estrutura e funcionamento do campo de produção de objetos de vestuário no Brasil*, no qual ela procura compreender as semelhanças e diferenças entre o campo do design e o da moda.

Entre as diferenças, Deborah destaca que no campo da moda a ideia de autoria é bastante valorizada, enquanto no campo do design os aspectos técnicos do projeto têm maior relevância. Mas design e moda se aproximam da noção de obra de arte como objeto único que adquire valor simbólico, além do seu valor material. Um dos fatores que contribui para o aumento do valor simbólico dos produtos é a diferenciação que se estabelece entre objetos de arte e objetos industriais. Conta, ainda, para essa valorização a própria estrutura e o funcionamento do campo da moda, sendo os agentes nela envolvidos, em grande parte, responsáveis por esse processo, já que a criação de moda não constitui um fato isolado, pelo contrário, depende de inúmeros atores sociais e das relações que se estabelecem entre eles. Deste modo, a entrada dos designers de moda no mercado cria novas relações de valorização e desvalorização das atividades por eles desenvolvidas, bem como dos produtos criados por eles.

Baseando-se nas teses do sociólogo francês Pierre Bourdieu, Deborah fez um estudo que nos ajuda a compreender as relações que se estabelecem no universo da criação de moda no Brasil, trazendo uma grande contribuição à área. A obra é leitura obrigatória para todos que se interessam pelo tema e pelos rumos que a produção de vestuário vem tomando no país.

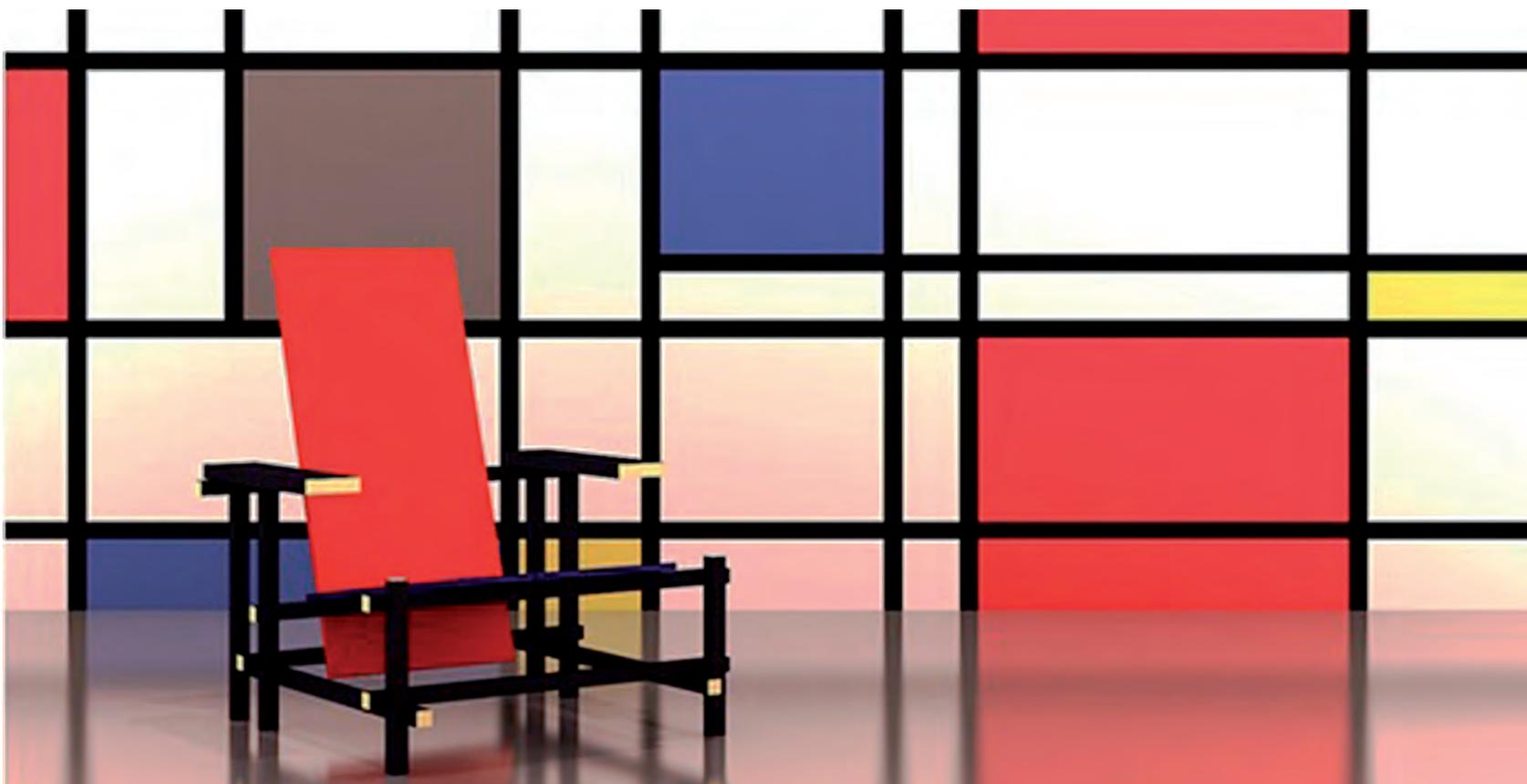
INFORMAÇÕES TÉCNICAS

Estrutura e funcionamento do campo de produção de objetos de vestuário no Brasil. Autora: Deborah Chagas Christo, Editora: Estação das Letras e Cores – São Paulo, Ano: 2016.



Man Ray "Cadeau", 1921

Gerrit Rietveld "Cadeira vermelha e azul", 1917 (ao fundo) painel de Piet Mondrian



O valor da arte no capitalismo é o que advém da forma mercadoria, da sua produção e da exploração do trabalho do artífice.

Trabalho de arte, vida social e política,

por Ronaldo Rosas Reis
Professor Titular da Universidade Federal Fluminense

O trabalho do artífice, seja ele realizado pelo artista ou pelo artesão, tem origem na mesma necessidade humana. Do ponto de vista ontológico, nos tornamos homens trabalhando para nos alimentarmos, nos abrigarmos, para, enfim, basicamente, sobrevivermos. Ao produzirmos um artefato qualquer, produzimos a consciência do que somos, o que se expressa historicamente na forma de cultura.

Já o valor atribuído a cada uma das atividades que exercemos tem sido, historicamente, algo exterior ao mundo do trabalho. Na Grécia clássica, por exemplo, as atividades do arquiteto, do oleiro ceramista ou do escultor se igualavam por pertencerem ao mundo do trabalho



Johannes Vermeer, "Moça com brinco de pérola", 1665

manual, geralmente trabalho escravo, e, nesse sentido, não tinham os seus valores ético, estético e moral reconhecidos. O mesmo ocorreria em Roma e ao longo de quase toda a Idade Média.

A combinação dos adventos da divisão social do trabalho e da economia mercantilista no período consagrado ao Renascimento imprimiria uma profunda alteração nas relações sociais anteriores. Em fins do século XV, a despeito

Ao produzirmos um artefato qualquer, produzimos a consciência do que somos, o que se expressa historicamente na forma de cultura.

das atividades do artista e do artesão terem sido mantidas basicamente as mesmas no que diz respeito ao aprendizado e às suas práticas, teve início uma distinção quanto ao valor do trabalho correspondente a cada uma delas. Desde então, tais atividades seriam reguladas pelo dinheiro, e o valor do trabalho, artístico ou artesanal, definido de acordo com variações que atendiam às necessidades do mercado de bens culturais. Um exemplo interessante disso pode ser observado na trajetória de Johannes Vermeer, um exímio pintor holandês do século XVII. Ao tempo em que exercia a sua profissão, Vermeer também presidia uma guilda de oleiros pertencente a um mecenas da sua cidade, Delft. Duplamente explorado pelo rico comerciante de arte, mobiliário e azulejaria, o artista e artesão vivia e trabalhava em condições precárias, sendo grande parte das suas obras realizadas por encomenda, com temas e soluções prescritas pelo mecenas.

Nas últimas décadas do século XVIII, a consolidação da burguesia como classe social hegemônica e a afirmação do modo de produção capitalista dariam início a um novo ciclo na forma das relações sociais, a partir do que teve início uma separação formal na valoração das atividades artística e artesanal, respectivamente. Na França – principalmente, mas não apenas ali –, a institucionalização da Academia de Belas-Artes daria início a uma hierarquização dos múltiplos ateliês que a compunham. Voltada para a formação integral de artífices, artesãos e artistas, a Academia sucumbiria à

lógica da divisão social do trabalho, mediante o que a atividade do ceramista valeria mais do que a do oleiro, por exemplo. No topo desse sistema de valoração ideológica, a atividade do pintor se sobrepunha a todas as demais.

Em que pese o grande público formado pela burguesia vulgar e pela pequena-burguesia urbana desdenhando ou simplesmente ignorando os esforços das correntes artísticas modernistas que se manifestavam desde meados do século XIX – seu gosto pelo figurativo acadêmico permanecia inalterado –, aos poucos a vida social cotidiana passava por uma revolução cultural silenciosa. Na medida mesma do confronto com a Academia, o impulso modernista dos artistas e dos artesãos aos poucos ocuparia as fábricas e as oficinas de serviço, gerando o que é identificado como uma espacialização dos estilos modernistas na vida cotidiana. Primeiramente através da arquitetura e do design de utensílios domésticos e, mais adiante, através da moda e da publicidade. O cartaz, o rádio e, posteriormente, a televisão seriam os principais veículos de massificação das novas tendências estéticas surgidas primeiramente no seio dos movimentos artísticos de vanguarda e rapidamente adaptadas ao cotidiano. Talheres, louças, móveis, eletrodomésticos e eletrônicos, ferramentas, equipamentos urbanos, jornais, livros, roupas, enfim, qualquer objeto produzido industrialmente ou mesmo artesanalmente passou a trazer as marcas dos estilos modernistas.

Em 1917, em Paris, diante de uma hélice de avião exposta no primeiro Salão de Aeronáutica de que temos notícia, um jovem artista francês, Marcel Duchamp, se perguntava se seria capaz de fazer algo semelhante. Como resposta, ele passaria a apropriarse de objetos do cotidiano (urinóis, rodas de bicicleta, máquinas de costura etc.) e a expô-los em salões, museus e galerias, destituindo-os de suas funções originais. Não necessariamente motivados pela mesma questão duchampiana, outros artistas, como o estadunidense Man Ray e o russo Vladimir Tatlin, seguiriam os seus passos, resultando daí uma ampliação tão extraordinária quanto inusitada da atividade do artista e do artesão.

O modelo societário atual, conformado segundo a lógica capitalista do trabalho morto (máquinas de controle dos sistemas de comunicação, rede de informações, sistema de bem-estar, lazer etc.), impõe um tipo de dominação que elimina o acesso irrestrito ao conhecimento e, por desdobramento, ao desenvolvimento da criatividade. Nesse sentido, não foram poucas as emulações artísticas, no século passado e no atual século, em defesa do trabalho humano, da humanidade no sentido ontológico crítico radical que apontamos no início dessas anotações. Distanciados em quase meio século, o "Projeto Coca-Cola" (1970), de Cildo Meirelles, resistia à ditadura civil-militar, e a cerveja "Fora Temer" (2017), do coletivo Favela Hype, na Armação dos Búzios, resiste aos desmandos do presente. Ambos expressam uma das necessidades

Vladimir Tatlin, "Monumento à Terceira Internacional", 1920



Cildo Meireles, "Inserções em circuitos ideológicos" - Projeto Coca Cola, 1970



urgentes da arte na atualidade: a permanente resistência. Tomando apenas a história recente do Brasil como exemplo, para cada tímido avanço da sociedade em direção ao acesso do conhecimento artístico indispensável para a sua formação cidadã – como representaram, por exemplo, as leis 9.394/96 e 13.278/16, que tornaram obrigatória a oferta da arte nos diversos níveis da educação básica –, as elites brasileiras impõem um retrocesso histórico, retirando a arte do conteúdo escolar obrigatório, tal como se apresenta na contrarreforma do ensino médio, imposta pelo governo Michel Temer através de medida provisória em 22 de setembro de 2016.

O valor da arte no capitalismo é o que advém da forma mercadoria, da sua produção e da exploração do trabalho do artífice. No contexto desse regime, qualquer mudança operada no sentido e no destino da arte é para mantê-la do mesmo jeito. Por conseguinte, enquanto esse regime se mantiver, foge ao escopo de uma atitude crítica de oposição imaginar a humanidade resgatando a arte do labirinto capitalista em que foi encerrada, e muito menos conceber a arte salvando a humanidade. Todavia, isso não significa, decerto, um impedimento ao artífice para que ele busque no exercício contra-hegemônico um valor mais alto para a arte, que é a luta pela liberdade.

Para manter viva a luta da arte pela emancipação humana sem desvios românticos, torna-se necessário e urgente que o artista do presente busque mediar, na experiência estética, a tensão entre a realidade vivida e a vida social. Caso contrário, estaremos, sim, diante da morte da arte.



“Fora Temer”, 2017, do coletivo Favela Hype

Alta cozinha sem carne numa sociedade carnívora

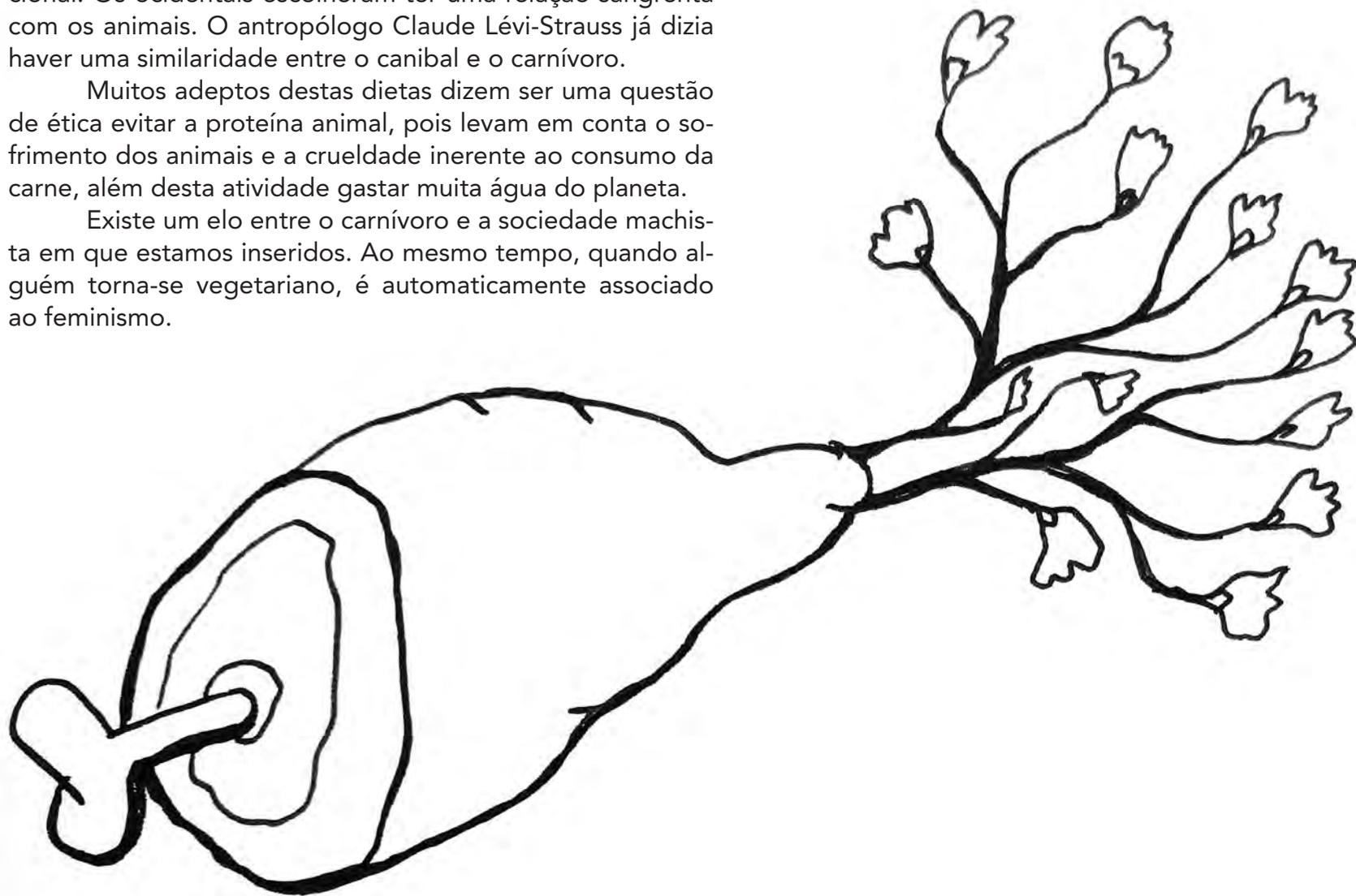
por Rebecca Lockwood, correspondente em Paris
rebecca.chef@gmail.com

Por que a humanidade é carnívora? Por que a dieta vegetariana e vegana estão cada vez mais sendo adotadas? Matamos para comer ou comemos para matar?

Comer carne é um problema metafísico, não nutricional. Os ocidentais escolheram ter uma relação sangrenta com os animais. O antropólogo Claude Lévi-Strauss já dizia haver uma similaridade entre o canibal e o carnívoro.

Muitos adeptos destas dietas dizem ser uma questão de ética evitar a proteína animal, pois levam em conta o sofrimento dos animais e a crueldade inerente ao consumo da carne, além desta atividade gastar muita água do planeta.

Existe um elo entre o carnívoro e a sociedade machista em que estamos inseridos. Ao mesmo tempo, quando alguém torna-se vegetariano, é automaticamente associado ao feminismo.



Na era paleolítica, o homem comia o que caçava e o que dava para comer. Na era neolítica, ele começa a controlar a natureza através da agricultura e da agropecuária e continua a comer carne por opção. Poderia perfeitamente só plantar leguminosos, que nos fornecem a proteína necessária ao corpo. Mas controlar a vida dos animais o fez se sentir superior.

Para alguns, virar vegetariano tem o propósito de tirar o homem desta posição de superioridade. Eles acreditam que todos os seres têm a mesma importância, sem hierarquias, e que os animais são dotados de emoção e inteligência. Já outros vegetarianos se sentem superiores aos carnívoros, porque optaram por isso e conseguem não comer carne.

Na Antiguidade, o animal era oferecido para o sacrifício em ritual e poucas vezes a carne não era distribuída. Com a igreja católica, na Roma antiga, proibiram-se rituais pagãos; foi quando surgiram os primeiros açougues com abate de animais sem qualquer ritual envolvido. Instaure-se a permissão para matar, que acaba culminando, nos dias de hoje, na *food factory*. Enquanto isso, "o sacrifício" virou uma palavra pesada, recheada de significados, mas quando estudamos a história, ele sempre esteve presente. Vejam os romanos antigos, os gregos, os chineses, as culturas indígenas etc.

Nos diferentes tipos de sacrifício, é raro aquele em que não se come o ofertado. Nas pesquisas de Florence Burgat, que acaba de lançar o livro *Humanidade carnívora*, só há um relato na China antiga em que o sacrificado é queimado

sem beneficiar ninguém. Para ela, o percurso natural da condenação do sacrifício é a industrialização. Não há qualquer ruptura na era da industrialização com esta forma de pensar, o que existe é um agravamento do mesmo percurso.

Florence Burgat acredita que através da culinária podemos sair deste ciclo vicioso. Como chef, eu também acredito que a cozinha vegetariana e vegana são as que mais emocionam na gastronomia.

Somos condicionados a comer carne e somos preguiçosos. Fazer uma comida sem carne já é em si um ato criativo. Em vez de fazer um bobó de camarão, inventaram o bobó de palmito. Que delícia! Em vez do hambúrguer de carne, o *veggie burger* de grão de bico com batata doce...

Não tem nada de pobre em substituir a carne por outro ingrediente. Não é baixa gastronomia cozinhar sem carne. Pelo contrário, é fértil e divertido para o cozinheiro. E ainda se carrega menos carma pelo ato do ofício. Trabalhar com carne é sempre mais sangrento e higienicamente problemático.

Exatamente por este motivo, em 2001, um dos grandes chefs de cozinha do mundo, Alain Passard, provocou um grande alvoroço no mundo gourmet quando decidiu tornar seu restaurante Arpège, de 3-estrelas Michelin, em um restaurante basicamente vegetariano e retirou do cardápio os pratos clássicos de carne que o tornaram famoso em Paris. E o mais surpreendente para todos foi que ele manteve, no ano seguinte e até os dias de hoje, todas as suas estrelas.



Veggie burger da Ilha

Aqui vai uma receita de um hambúrguer vegetariano que criei para o restaurante Ilha do Arroz, na Comporta, onde estou trabalhando nesta temporada do verão europeu, e que anda fazendo sucesso em Portugal. Até a Madonna veio comer este hambúrguer (foto) e adorou!



Pão do Bolo do Caco ou Pão Pitta

O recheio:

300g de grão de bico cozido e escorrido
1 batata doce
farinha de rosca para a liga
gergelim para empanar
páprica doce defumada
sal
azeite para fritar

Coza o grão de bico e passe no processador com azeite, pode deixar um ou outro grão inteiro para dar consistência ao seu hambúrguer. Coza a batata doce e faça um purê. Misture com o grão de bico. Jogue a páprica defumada e a farinha de rosca até dar o ponto em que você consiga moldar a massa em forma de hambúrguer. Empane com o gergelim e frite com um fio de azeite.

Ketchup de Beterraba

1 beterraba cozida
1 colher de mostarda Dijon
25 ml de vinagre de cidra
150 ml azeite virgem
sal e uma pitada de canela

Bata tudo no liquidificador tempere com sal a gosto.

Molho de iogurte

250 ml de iogurte grego
2 dentes de alho
azeite
sal e pimenta do reino

Bata uma parte do iogurte com o alho no liquidificador e depois misture com o restante do iogurte. Tempere com sal a gosto.

Salada

Alface, rúcula, rabanete, tomate, cebola roxa, pepino, cenoura, repolho roxo.

Lave bem e deixe no vinagre por 10 minutos.

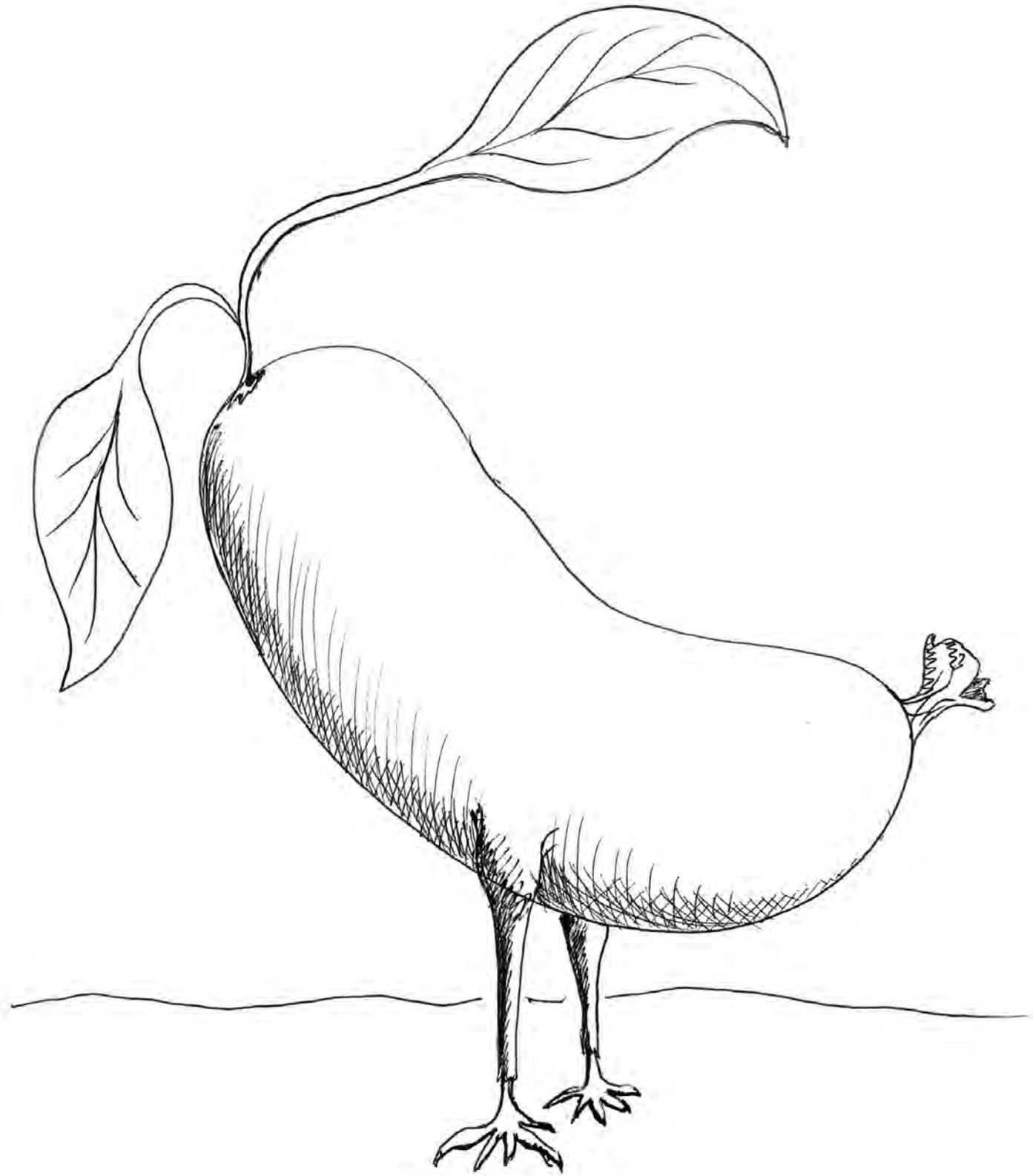
Cebola frita

Pique a cebola, misture com farinha de trigo e frite no azeite até dourar.

Para montar o sanduíche:

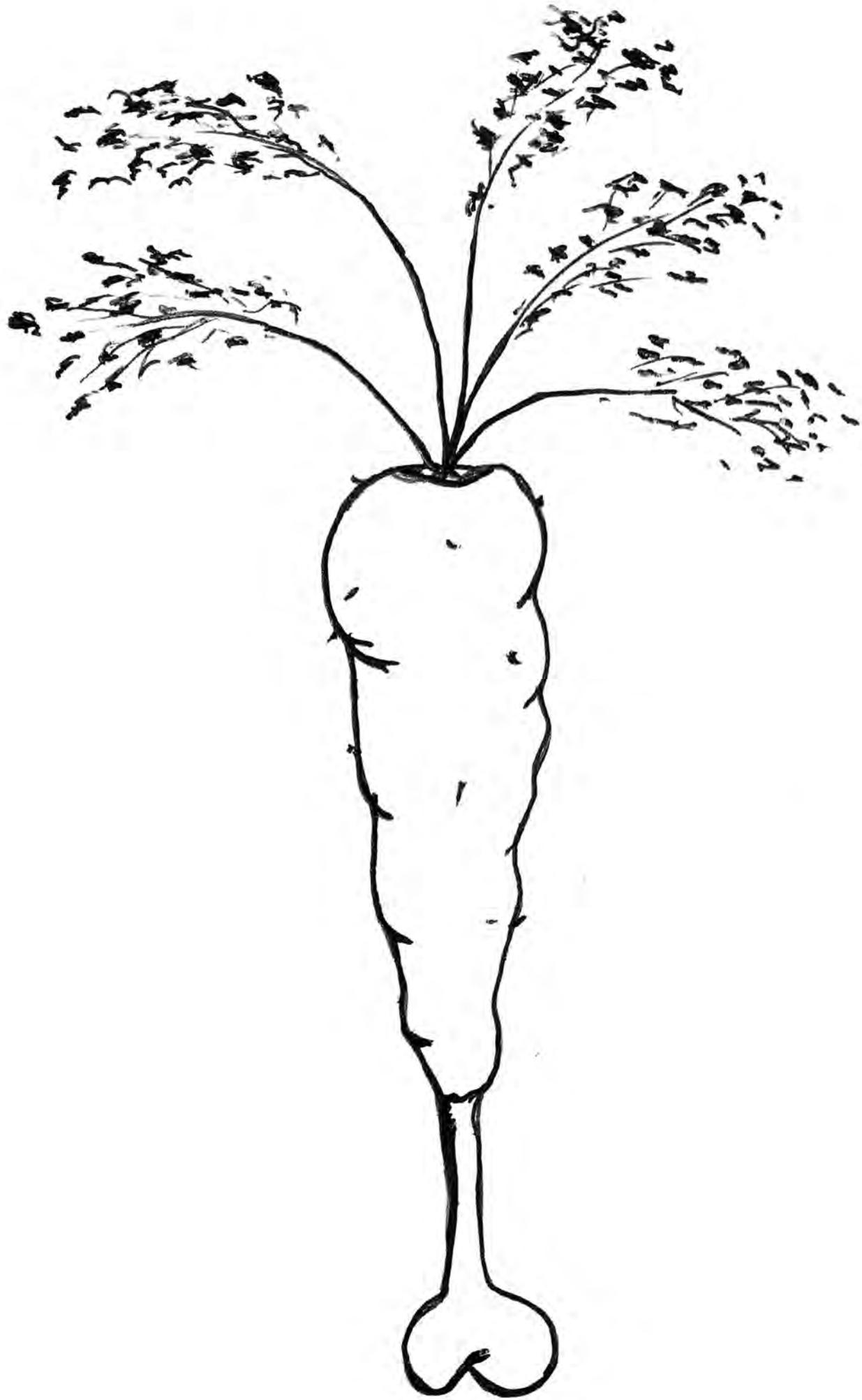
Aqueça o pão levemente. Coloque uma fatia do pão e depois o ketchup de beterraba. Por cima, uma camada de alface. Depois um pouco da rúcula. Em seguida, a cenoura e o repolho ralado. Jogue o molho de iogurte. Coloque uma fatia do pepino, uma fatia de rabanete e um pouco da cebola crua. Agora coloque o seu veggie burger, uma fatia de tomate e regue com mais iogurte. Por cima do iogurte, jogue a cebola frita e feche com a outra metade do pão. Bom apetite e seja feliz!

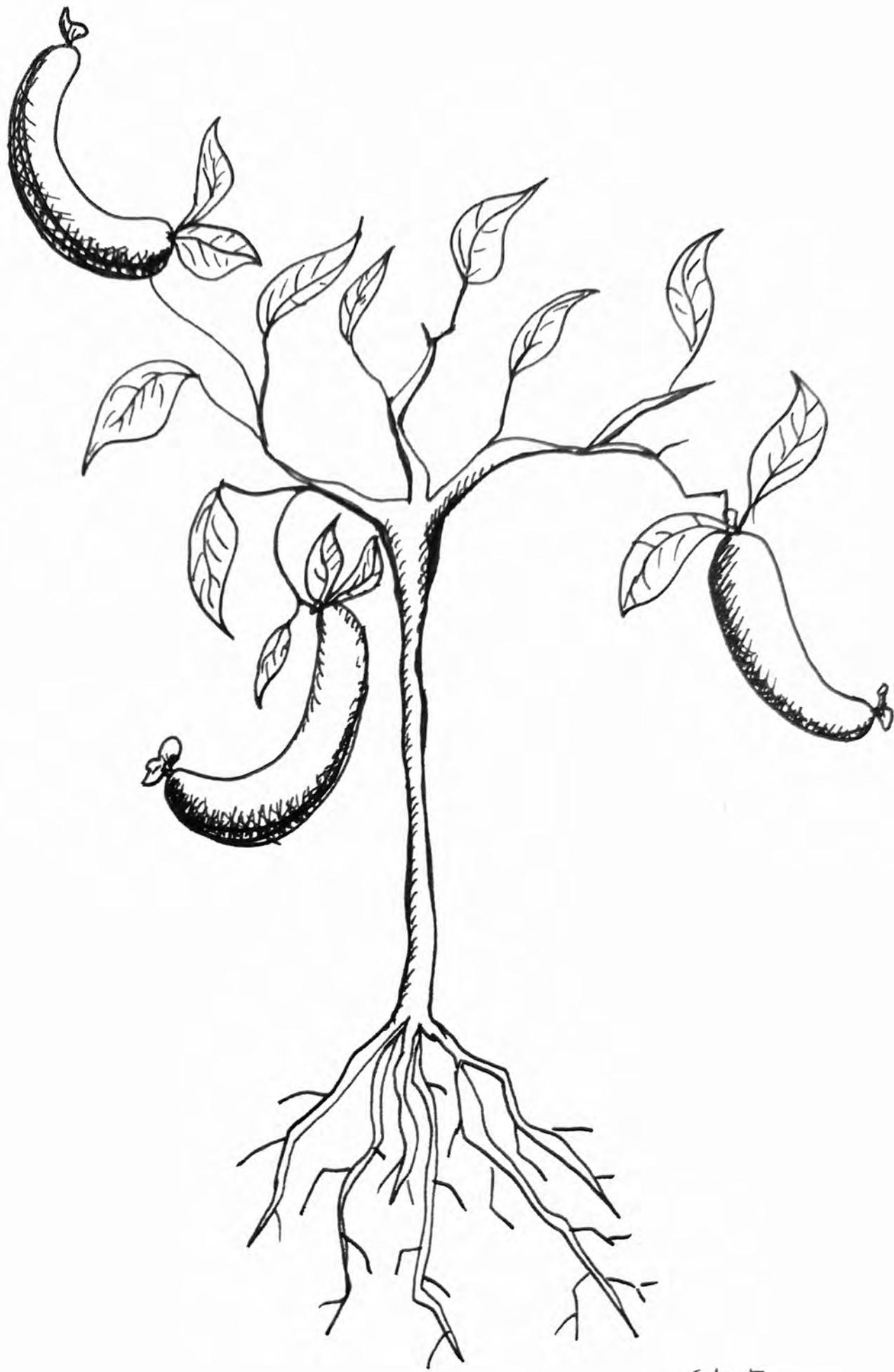
ROBERTO CABOT



"Salsicha vegetariana", 2017

22/07



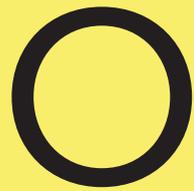


IARRAROSA



Foto: Luc Papa

O ABSURDO e suas CONSTRUÇÕES



Absurdo é tão velho que deveria estar morto e enterrado. Enterrado nas profundezas de seu próprio tempo, um tempo absurdamente milenar.

Sua intromissão na vida humana atravessa séculos, apesar de mostrar nitidamente os malefícios que impôs a inúmeras gerações. No entanto, ele prossegue lépido, renovando desgraças, exibindo seus desrespeitos e apregoando imposições através de suas utopias.

Ninguém o domina. Há os que cultivam esta erva daninha como se fossem flores. Há os que, por conformismo, inércia ou mesmo por interesses pessoais, a ele se unem.

Analisando seu percurso, encontramos sua presença junto à civilização em caminhos considerados nobres. Sobre sua existência, nada é novo. Repete em pleno terceiro milênio cenas de crueldade medievais. Usa da modernidade para apurar horrores e difundir suas barbáries. Se continua espalhando seus malefícios, a culpa é, sem dúvida, do ser humano e de sua maldita capacidade de cultivar e expandir alienações.

As posições apresentadas pelo Absurdo nos surpreendem por sua estúpida altivez. Ele menospreza o uso da inteligência – que não é privilégio e sim uma capacidade comum a todos – anulando a utilização da maior grandeza do homem que é o Pensamento. Este fato mostra o desprezo dos seus seguidores por uma sobrevivência construtiva e feliz das próximas gerações... Do egoísmo e da ganância surgem irracionalidades que, a seu lado, atravessam séculos...

O Absurdo não se limita somente a construir grandes catástrofes. Ele também alinha ocorrências aparentemente sem altos valores, mas capazes de criar grandes chagas futuras, difíceis de exterminar. O processo é lento e amplo. Ele não tem pressa. Seu principal desempenho é comandar a opressão, liquidar totalmente o raciocínio, a justiça e a liberdade de viver. Não se importa com o tempo. Ele dispõe de todo o tempo do mundo. Para ele vai tudo muito bem...

Sendo um abstrato, o Absurdo não possui uma existência física. Está colocado fora dos nossos sentidos comuns, o que não diminui seu maléfico domínio. Ao contrário, um ponto positivo para ele. Muitos dos abstratos são partes da poesia e da beleza de viver, como o amor, a alegria e a saudade. Outros são menos poéticos, como a tristeza. Nenhum é tão nefasto quanto o Absurdo. Funciona como um vírus que se infiltra e se espalha em diversas camadas sociais.

Podemos criar para o Absurdo as mais concretas formas físicas, como criamos nossas figuras nas histórias infantis e mitológicas. Enquanto alguns abstratos estão ligados à beleza, o Absurdo está ligado ao totalitarismo, às guerras, aos fanatismos, ao racismo e outros "ismos" presentes nas diversas tragédias e conflitos. Ele seria como o gigante Polifemo, monstruoso e imenso com um só olho no meio da enorme testa, a quem Ulisses embriagou e cegou para escapar de sua antropofagia. Este gigante adorava comer pessoas vivas. Ele as pegava e jogava em sua enorme garganta e as engolia de uma única vez. O Absurdo não faz por menos. É devorador de importâncias grandiosas em nossas vidas e se concretiza dentro dos contextos mais trágicos da humanidade. Foi assim através dos séculos e prossegue no contemporâneo de um terceiro milênio.

Algumas notícias comprovam.

"O Absurdo está em França, onde matou vários jornalistas com os quais não compartilhava ideias religiosas."

“O Absurdo entrou em um supermercado e matou várias pessoas pelo fato de serem judeus.”

Como é possível que a nossa atualidade não utilize suficientemente a inteligência para destruí-lo?

Seu mais grandioso ataque foi a tragédia de uma Segunda Guerra Mundial. Conduzida por uma estúpida filosofia, imbecilizada por falsas grandezas, a guerra transformou os seres humanos em simples manadas, exterminando milhões de pessoas, destruindo a esperança e assassinando os sonhos e a poesia das gerações futuras. Alguns países, antes admirados pelo alto grau de humanismo e civilidade, foram envolvidos e transformados em títeres.

Foi realmente constrangedor saber que, após a entrada do terceiro milênio, junto ao progresso alcançado nas últimas décadas, o Absurdo continua atuante e forte. Ele se aproveita das inovações tecnológicas para expandir as apresentações de suas barbáries. Medo, rancor e ódio são seus lemas. A meta final é o massacre da liberdade, da fraternidade e o extermínio da maior força do homem que é o ato e a força de Pensar...

Por que as novas gerações não reagem contra o Absurdo?

A guerra acabou. Restou o cheiro das mortes, suas histórias horripilantes, suas crueldades que somente podem ser medidas pela palavra imensidão. Entretanto, eis um fato verídico que prova sua continuidade:

1) Cap. Antibes, sul da França. Verão de 2010.

Alguns jovens estudantes europeus estão de férias nas ruas da pequena cidade, apreciando as praias do Mediterrâneo. Naquela área, em uma praça, estavam pessoas de nacionalidades diversas vendo o passar da tarde com seus filhos. Alguns estrangeiros, judeus ortodoxos, negros africanos, argelinos, árabes e outros. Os jovens estudantes são altos, têm os cabelos raspados, ostentam suas arrogâncias com ares de superioridade. Eles utilizam uma fórmula para chamar a atenção daquelas pessoas pacíficas. Fingem esbarrar de maneira acidental com alguns. Naturalmente os escolhidos se voltam para saber o que aconteceu ou mesmo à espera de um pedido de desculpa. Os jovens, com um grande desprezo expresso no rosto duro de ódio, completam o absurdo: cospem ostensivamente.

O conflito que resultou na Segunda Guerra Mundial acabou há exatamente 70 anos. Aqueles rapazes nasceram 50 anos depois! O Absurdo, porém, trabalhou na captura de sua geração. E prossegue. Apesar da ciência provar por $a+b$ que o homem é um animal racional e que todos os homens são iguais, o Absurdo continua usando o racismo que ainda ocupa um espaço considerado por muitos como lógico e ululante. Sentir-se superior a alguém por qualquer motivo é uma das posições mais almejadas e utilizadas por imbecis.

O Absurdo não se apresenta somente em grandes acontecimentos internacionais. Ele está presente em pequenas comunidades, onde situações de conformismo e submissão são geradas. E lentamente crescem, esmagando reações contrárias, fabricando seres cordatos por motivos financeiros, ignorância ou comodismo.

Um fato verídico:

Vila de Sant'Anna de Armação de Búzios, pequena aldeia de pescadores. Ano: 1971.

Um radical dirigente de um templo religioso na comunidade de Armação de Búzios afirmou solenemente que os gatos eram animais do Diabo. Como prova, apresentou que os olhos do animal brilham como fogo durante as noites escuras, o que significava sua posse pelo maligno, no caso, o Diabo. Por isso decretou a morte dos gatos, afirmando que, assim, estariam matando o próprio demônio. O pequeno grupo de religiosos acreditou e resolveu exterminar os animais da forma que encontraram. Com álcool ou gasolina, empapavam seus pelos e, em seguida, acendiam fósforos, assistindo risonhos e contentes à morte dolorosa dos pobres bichos. Apesar do tempo passado e das transformações sofridas pela comunidade, muitos são os que mantêm o ódio e o maltrato aos felinos, iniciado há anos nas afirmações do tal religioso. E ainda praticam suas maldades.

O Absurdo nasce fácil, mas não morre facilmente.

Os caminhos do Absurdo, revestidos de espantosas e cruéis inovações, estão abaixo da civilidade que o ser humano deve a si mesmo, a seu tempo e a sua história.



Lara Rose

los ojos verdes de Tréve
e a chuva de olhos azuis 2017

IRENE dos olhos Verdes e a CHUVA dos olhos Azuis

A Chuva sempre esteve presente na vida de Irene. Ela nasceu durante uma chuva forte que inundou a pequena rua onde morava sua mãe. Ninguém imaginou como ou porquê. Afinal esta situação não era um acontecimento comum na vila. Chovia pouco naquela região praiana. Não existia um riacho ou coisa parecida. Havia o mar, mas o mar era diferente. Não costumava se envolver com chuvas. Choveu nas três ruas da vila, mas a casa de Irene foi a única inundada.

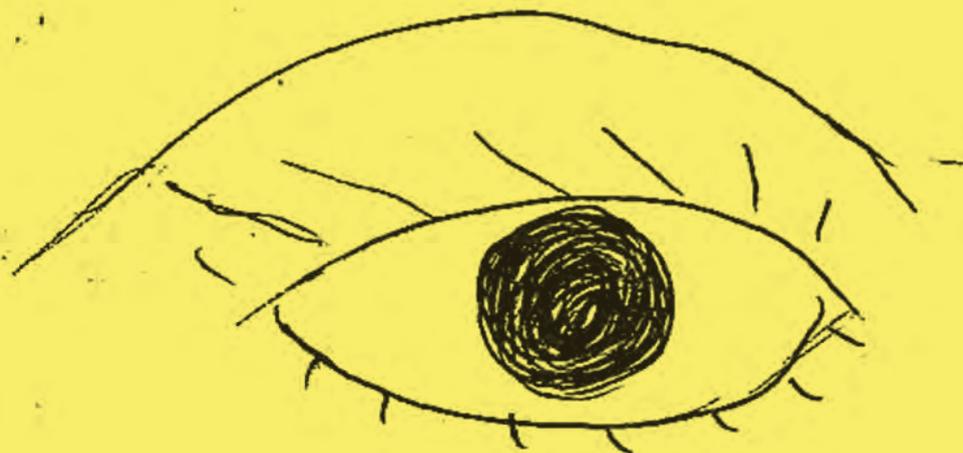
Depois deste fato, Irene sempre encontrava com a chuva, em diversas formas, posições, horários e muitos mistérios. As coisas mudaram à proporção que Irene crescia. Quando criança, era como se as chuvas que a alcançavam fossem chuvas meninas. Brincava com elas, gritava, ria suas risadas e parecia acompanhada da chuva que, segundo ela, também ria, corria atrás dela descendo as pequenas ruas do vilarejo ou subindo a ladeira da igreja.

- Subia tão bem quanto descia as ladeiras da vila.

- Cruz, credo!

Ela atrás da chuva e a chuva atrás dela! As pessoas a viam correndo, falando e gesticulando, brigando ou rindo divertida, sozinha junto aos pingos e às suas fantasias. Como sempre a meninice de Irene resolvia tudo. Ninguém se importava com Irene ou com o que acontecia com aquela menina bonita de olhos muito verdes.

A mãe de Irene ficava confusa. Algumas vezes estranhava fatos, imaginava coisas. Por que seria que algumas vezes só chovia sobre sua casa? Chovia pouco, mas chovia... Irene não se importava.



- É a chuva, mãe! Está me procurando pra brincar!

A mãe sorria. Criançice. Irene se tornou uma linda moça. Seus olhos verdes e grandes lhe proporcionavam uma graciosidade diferente. Ficou bonita, mas não dava atenção aos rapazes da vila. Seus amigos eram, além da chuva, um papagaio do único bar da vila. O dono do papagaio sofria por culpa dos palavrões que ensinavam ao pássaro. Para Irene, porém, ele era amável e gentil. Quando ela passava o papagaio gritava:

- Querida, casa comigo!

Irene ria e dizia:

- Trate dos papéis, Louro! Só caso com você de papel passado!!

Os anos passaram. Em um deles, aconteceu uma grande seca. Os lavradores se queixavam. As mulheres que tinham poços reclamavam. A água era coisa rara na região. Parecia que a chuva havia rompido relações amigáveis com aquela área. Todos se queixavam. A terra seca, as arvores sem folhas, a paisagem sem o frescor necessário e bonito...

- Nunca aconteceu uma coisa desta. É o fim do mundo, gente. Tudo na segura...

O mundo já acabou em chuva, desta vez será em fogo! – diziam os profetas enlouquecidos.

Um dia, com o sol a pino e um céu sem nuvens, Irene disse para a mãe:

- Hoje à noite vai cair a chuva dos olhos azuis, mãe. Se prepare...

A mãe se quedou espantada.

- Chuva de olhos azuis... E Chuva lá tem olhos? E se tivesse... por que seriam azuis?

A resposta de Irene foi espantosa:

- Eu vi os olhos da chuva. São profundamente azuis. A mesma cor das águas do mar.

- Meu Deus... - murmurou a mãe. E pensou: "Esta menina tem parte com Deus... ou com o Diabo?"

Daí para a frente tudo era possível.

Depois de prever a vinda da chuva, Irene se recolheu a seu quarto. Envolveu-se em um estranho silêncio. Vez por outra olhava o céu com os olhos lotados de ansiedade. Não disse mais nada.

- Vai cair muita água... - murmurou.

- Deus te ouça. Estamos mesmo precisando. Todos se queixam da falta de chuva. Mas o céu está tão limpo.

O sol quente. Se vai cair chuva... não parece...

- Vai – repetiu Irene. E acrescentou: – Vai cair muita chuva...

E mal acabou de falar, pingos fortes de chuva batiam no telhado.

- Credo em cruz! - dizia a mãe apavorada.

Irene sorria.

A mãe trancou-se em seu quarto e, diante de alguns santos, rezava fervorosamente. Irene foi para o quintal e por lá ficou apanhando os pingos fortes. Sorria contente.

A chuva aumentava com força. Descia as escadas da igreja brincando de cachoeira. Escorria pela rampa do morro como se escorregasse por uma montanha de pedra lisa. Brincou com o vento que sacudia o sino fazendo com que tocasse sozinho. Os moradores da vila, apavorados, correram para a rua principal. As beatas afirmavam que o sino tocou sozinho, sinal de que aquela chuva ia mesmo acabar com o mundo. O pastor de uma igreja recém-fundada na vila afirmava aos berros que os que entrassem na igreja dele seriam salvos da morte certa. Deveriam, porém, levar um dízimo para garantir esta repentina salvação. Beatos e beatas correram todos para o coreto da pracinha e, ajoelhados, com seus santos apertados contra o peito, rezavam o Pai Nosso e as Aves Marias. Outras pessoas corriam apavoradas em direção à igreja do vilarejo. Estavam todos certos de que o mundo estava no fim.

Mas que fim coisa nenhuma.

Irene sabia que não era o fim. Era, sim, sacanagem daquela chuva atrevida e bonita. Cativante e apetitosa com aqueles lindos olhos azuis. Por este motivo, foi para o gramado do jardim e resolveu tomar um banho de chuva. Rapidinho ficou com a roupa colada no corpo. Resolveu tirar a blusa. As águas da chuva pareciam ter vida. Tocavam sua pele, alisavam carinhosas um de seus seios quase desnudos. Um par de olhos azuis brilhava entre elas. Reconheceu os olhos da chuva que ela já conhecia.

Os olhos eram de um azul profundo, tão coloridos como as águas do mar distante. Aquele azul longilíneo. Seria uma visão ou eles piscaram para ela? Aquele par de olhos era feito de suavidade. Eles acariciavam seus seios à distância com uma ternura tão grande que ela resolveu tirar toda sua roupa. A grama do jardim era macia como seu leito. E os olhos piscaram para ela convidativos e cativantes... (ai, ai, ai...)

Irene deitou-se naquela maciez fantástica em que o verde gramado se transformou. Era como sua cama, macia, acolhedora. E a chuva deitou-se com ela.

A Chuva percorreu seu corpo com a leveza da brisa e a tocava com a maciez dos orvalhos. Irene estremeceu, sentindo pela primeira vez o prazer encontrado na profundidade de um elemento milenar: a chuva. Seu corpo ardia num envolvimento de profunda eternidade... A chuva lambia seu corpo com uma avidez etérea e concreta a um só tempo. Seu prazer era tão

intenso que ela sentia seus gemidos ultrapassando espaços e chegando até as nuvens que desciam em sua direção. E se faziam gotas. Grossas, finas, leves e soltas cobrindo seu corpo nu. Desciam em sua direção e se faziam chuvas. Cresciam quando tocavam seu corpo. Elas se transformavam em mãos ávidas. Suas bocas sugavam, beijavam e acariciavam o corpo virgem de Irene inteiramente tomado e possuído por um grandioso e estranho desejo. A chuva escorria leve e gentil, mas aos poucos ela foi penetrando no seu sexo com toda a força de sua existência. Vinha de longe, trazendo seus milênios de imensuráveis posses. Terras, rios e florestas. Transmitia para Irene as carícias de seu universo. Possuía o mundo de belezas profundas e com ele penetrava em Irene. Com a mesma força com que conduzia os rios, beijava mares e acariciava as árvores das florestas, ela possuía o suave e belo do corpo. Seu universo estava com Irene, amando seu corpo frágil, humano e pleno de belezas.

Irene nunca soube quanto tempo durou a entrega. Era o seu primeiro ato de amor. Tinha a leveza de uma brisa, o jeito simples das flores do campo, o desabrochar das rosas, o perfume da terra quando penetrada pela chuva. Irene suspirava de prazer. Sentia que a chuva lhe trouxe a presença de um universo desconhecido, seus labirintos, suas liberdades soltas, o riso das estrelas, o sonho dos arvoredos, a conversas dos rios, impenetráveis e desconhecidos. O mistério de um mundo desconhecido.

O tempo perdeu sua existência no espaço de Irene. A chuva se foi. O sol encontrou Irene nua dormindo no gramado. Estava muito ocupado dispersando a neblina que desceu sobre a vila de Armação dos Búzios. Se não, teria chegado mais perto e estendido seus encantados raios sobre o corpo bonito de Irene. Lamentou.

- Não faltarão oportunidades... – murmurou.

Irene acordou, estranhando a falta da chuva. Procurou por ela. Não a encontrou.

Chegou a seu quarto e entrou. Vestiu-se rapidamente. A mãe apareceu.

- Você viu que chuva? Espero que ela não demore a voltar. Precisamos de uma boa chuva de vez em quando. Esta foi maravilhosa.

Irene não disse nada. Da janela de seu quarto olhava o céu, pensativa:

“Tomara que ela volte. Ela e seus olhos azuis... Que delícia de chuva! Nunca vou encontrar um homem igual...”

Irene não encontrou o homem desejado. Ficou à espera da Chuva dos olhos azuis. Mas ela não voltou...

E Irene nunca se casou.

Iara Rosa, Búzios, 2017

Esta história é dedicada a um jovem, meu vizinho, que não gosta de cortar árvores...
E que, por mera coincidência, tem olhos azuis...

A MOÇA descalça e SEM CALÇAS

A principal rua da Vila Santana D'Armação dos Búzios era pequena e de pequenas e poucas casas. Todas pintadas de branco com janelas e portas azuis.

Naquele dia o sol ainda pairava sereno sobre o fim da tarde. O mar estava tranquilo brincando com suas ondas meninas à espera da noite. Noite que chegaria envolvida numa lua cheia que prateava tudo: mar, montanhas e casas do vilarejo. As pessoas da vila eram envolvidas por aquela luminosidade encantada.

- Que luar!

De repente ela apareceu. Sem mais nem menos. Surgiu no início da rua. Foi como se caísse do céu deixando as asas escondidas atrás de alguma nuvem. Era uma moça linda como a paisagem. Lembrava flores, mares e floresta. Parecia ser parte daquela vila com seu silêncio, sua profunda beleza que, de repente, virou gente, moça menina...

Ela caminhava conduzindo todas as belezas.

Vestia-se tão levemente que sua roupa parecia feita de uma suave neblina, as mesmas que, no outono, brigavam com o sol, se recusando a deixar as paisagens da vila. Falo das neblinas que abraçam a vila e não querem largar o abraço. Elas mesmas? Não parece?

- É... Parece...

Parecia mesmo.

O vestido curto e rodado era acompanhado por uma brisa suave que mostrava suas pernas perfeitas. Andava descalça, mas não pisava no chão.

- O chão é quem vai ao encontro dos seus pés...

- Verdade. Não é ela quem pisa. É o chão que caminha até ela.

Quem será a mocinha descalça?

Quem será? Será quem? Quem?

Foi quando um vento resolveu passar por ela. Vento malandro, indiscreto, metido a conquistador, figurinha difícil. Vento é assim mesmo. Cheio de safadezas. Este tal de vento leste. Com um movimento sem suavidade mostrou um pouco do seu corpo quando passou por ela. FOI? Foi...

Espanto! OH! Ela não usava calcinhas...

- Meu Deus! Ela anda sem calças!

Uma mocinha sem calças?!

- Deus do céu... sem calças?

- Tem certeza? Absoluta certeza? Sim? Oh!...

Seu andar prossegue indiferente às poucas figuras humanas que pararam para vê-la.

Ela lembrava as garças que chegam todos os fins de tarde para dormir em suas árvores preferidas. As garças não usam calcinhas?

Pois então...

- Olhe só o andar dela... Igualzinho.

- Verdade.

- Garças também não usam sapatos.

- Vestidos leves e curtos.

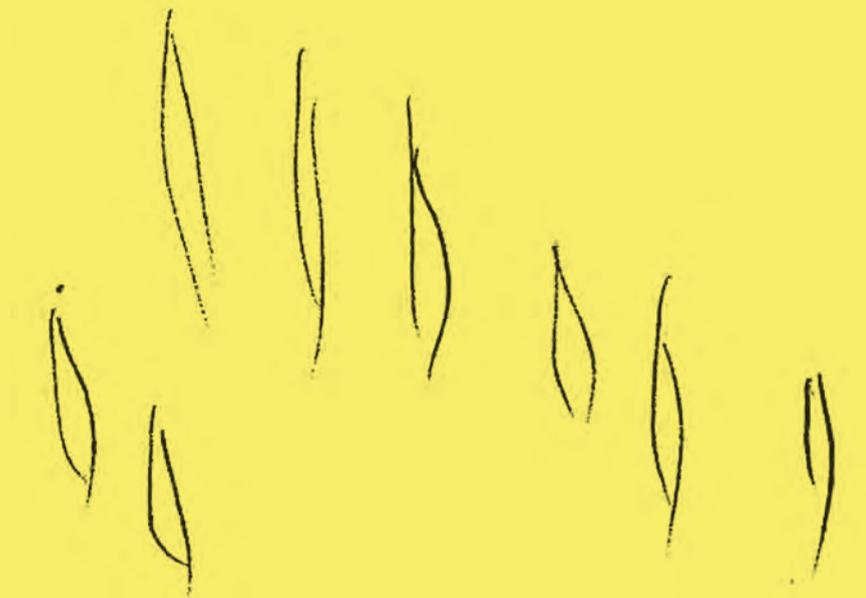
- E sem calças...

- Uma brisa anda juntinho dela...

- Mas foi o vento quem suspendeu a saia...

- Por essas e outras nós, lá em casa, detestamos o vento...

- Pois eu gosto. Se não fosse o vento eu não saberia desta estória de calcinhas...



Ela não ostentava sua beleza descalça e sem calças. Passava entre os pescadores que puxavam suas redes, entre crianças que jogavam bolas, entre lavadeiras lavando suas roupas, levando só beleza e silêncio. Onde conseguiu aquele silêncio que envolvia sua passagem?

Os anos 70 garantiam. Eram loucos, belos e gentis.

A moça sem calcinhas esteve alguns meses aqui, na vila de Santana D'Armação dos Búzios sempre caminhando durante o pôr do sol pelas praias.

- Lá vem a moça sem calças...

- Fale baixo... Não queremos assustá-la...

- Andar sem calças é um direito dela...

Cada um é cada um... Eram os anos 70. Belos, loucos e humanos. Além de lotados de poesia...

P.S. (para Armando Mattos)

A moça sem sapatos e sem calcinhas voltou para sua terra e fundou uma banda. Fez sucesso e ganhou dinheiro. Vestia uma longa calça jeans. Perdeu a poesia? Não... Guardamos sua poesia junto com o mar, as ondas meninas e o luar de Armação dos Búzios, seu sortilégio e seu amor.

Iara Rosa - Búzios 2017

GALERIE ARMANDO MATTOS



Arthur Piza "Partículas livres", 2014 (ao fundo), Percival Lafer poltrona "Loopon" década de 50 e "Jcacaré" de Marcio Arqueiro



Onde encontrar babEL

RIO

A Gentil Carioca
Rua Gonçalves Ledo, 11 e 17 (Centro)

Ateliê Guto Carvalhoneto
Rua São Clemente 233, 7º. andar (Botafogo)

Galeria Gustavo Rebello
Av. Atlântica, 1702, loja 8 (Copacabana)

Galeria Largo das Artes
Rua Luiz de Camões, 2 (Centro)

BÚZIOS

Âmbar de Búzios
Rua das Pedras 116, loja 6 (Centro)

Porto da Barra - 61a. OAB Búzios (Manguinhos)

Brechó Chic
Rui Barbosa, 301 (Centro)

babEL digital
<https://issuu.com/babbienal>



/Babel_magazine

babEL Búzios Magazine Agosto/Setembro 2017, no.6
Editor /Designer Gráfico: Armando Mattos
Conselho Consultivo: Mônica Villela, Clemente Neto,
Fernando Tige e Laura Lima
Diagramação: Caroline Moreira
Revisão de texto: Leandro Salgueirinho
Edição: GALERIE Armando Mattos
Impressão: A Tribuna Gráfica
Tiragem: 2.000 exemplares

Arqueiro



ÂMBAR
decoração e presentes

Breve novo em endereço. Acompanhe pelas redes sociais.



ambardebuzios_luizrandon